

PARADIGMA OU PRÉ-PARADIGMA?

24/8/89 - SJP

x - Hélio S. Amâncio de Camargo

Neste trabalho pretendo examinar a confiabilidade das teorias psicanalíticas, para servir ao corpo de conhecimentos de uma ciência em desenvolvimento.

Através deste artigo, desejo divulgar e expandir idéias sobre este tema, apresentadas numa comunicação em reunião científica de nossa Sociedade. (1)

O interesse da questão foi plenamente reconhecido no XI Congresso Brasileiro de Psicanálise, quando duas Sociedades, a de São Paulo e a Psicanalítica do Rio de Janeiro apresentaram relatórios oficiais versando sobre o tema da epistemologia em psicanálise.

Junqueira, Meyer e Menezes, relatores da Sociedade de São Paulo se propuseram a discutir um "caso clínico" com referenciais teórico-clínicos diferentes. Eles se confessam:- "percebemos então, que aquilo que acreditávamos claro e evidente não possuía na verdade este caráter, forçando-nos a realizar o inquietante trabalho de repensar os pressupostos teórico-técnico de nossas práticas.

Nossa disposição de realmente nos escutarmos uns aos outros foi revelando simultaneamente o quanto de ameaçador pode existir num convívio desta natureza." (2)

No decorrer desta exposição tentarei demonstrar o quanto que os relatores tem razão, não só no sentido de ameaças, mas de audácia também. Quero referir-me ao termo paradigma usado pelos relatores e para isto cito o seguinte:- "a atividade psicanalítica gera um campo, no qual ela mesma está incluída, composto por diferentes referenciais teórico-clínicos. Os problemas e conflitos técnico-teóricos a nível de cada grupo se dão sob a cobertura de um mesmo paradigma, mas tal não é o caso dos questionamentos inter grupos. Estes parecem ser incomensuráveis, isto é, não ter uma medida comum: seriam irreduzíveis entre si. A percepção da irreduzibilidade é muitas vezes encoberta pe

pelo uso de um vocabulário comum, prática que obscurece a compreensão de que as mesmas palavras estão sendo empregadas em sentidos diferentes, isto é, mudaram de significado e de aplicação no novo contexto em que são utilizadas.

Cada paradigma privilegia uma área de captação e cria os instrumentos que o otimizam. Cada um aciona uma escuta particular e a processa segundo parâmetros. Assim um material de sessão, por exemplo, não se constitui no mesmo estímulo quando apresentado à apreciação de diferentes paradigmas. É que cada um condiciona a percepção do material, percepção esta ligada às interrogações próprias de seu referencial, às respostas que suas teorias estão capacitadas a fornecer e à sua concepção geral do funcionamento psíquico.

Assim podemos afirmar que os termos ganham sentido no interior de um sistema, eles são engravidados pela constelação teórica que criam e que os circunda. Esta prenhez se alcança através de uma radicalização da proposta, da agudização dos conceitos; procedimento que deve levar ao delineamento das invariantes internas do paradigma."

Neste artigo o termo paradigma é utilizado com a significação que o filósofo da ciência Thomas S.Khun lhe confere e sem dúvida de forma diferente da que está empregada no texto acima referido.

Destaco a delicadeza da questão, que envolve a conversa ou a discussão entre psicanálise e a posição, a função que os nossos congressos tem tido - como exibição de esterilidade e impossibilidade de trocas de experiências.

Portela Nunes, relator da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro trouxe para o XI Congresso Brasileiro de Psicanálise (3) o problema da verdade psicanalítica, destacando a importância do pensamento de Thomas S.Khun no entendimento da verdade científica e penso que o fez de forma muito feliz, visto que as concepções deste filósofo transcendem as do positivismo lógico de Karl Popper, que desempenhou papel importante na revisão crítica do princípio de verificabilidade.(4)

A cientificidade de um enunciado ou de uma teoria, para Popper estava em sua capacidade de eliminar ou de excluir a ocorrência de alguns acontecimentos possíveis ou de proibir ou excluir a ocorrência desses eventos: quanto mais uma teoria proíbe mais ela diz; para ele o que distingue uma teoria científica de uma pseudocientífica não

é a verificabilidade empírica.

A psicanálise, nestas condições, para Popper é uma pseudociência. (5)

A importância do pensamento de Thomas S. Kuhn neste momento de interesse pela revisão crítica da ciência em geral, tem um significado alentador para a psicanálise em particular, como veremos a seguir. (

No seu pensamento há parâmetros para avaliação de uma ciência como imatura; na ciência imatura verifica-se a contínua competição entre diversas concepções de naturezas distintas, cada uma delas derivada e todas apenas compatíveis com os ditames da observação e do método científico. O relatório de Meyer, Menezes e Junqueira é uma ilustração vazada em erudição, em brilhantismo e oportunidade das aplicações clínicas de concepções diferentes em confronto. A pesquisa eficaz raramente começa antes que uma comunidade científica pense ter adquirido respostas seguras para perguntas como: - "quais são as entidades fundamentais que compõem o universo?" Como interagem estas entidades umas com as outras e com os sentidos? Que questões podem ser legitimamente feitas a respeito de tais entidades e que técnicas podem ser empregadas na busca de soluções?

Numa ciência amadurecida questões como estas são firmemente engastadas na iniciação profissional e abrem caminho para a eficiência da atividade da ciência normal.

Kuhn chama de ciência normal a uma forma de pesquisa com uma tendência vigorosa e devotada de forçar a natureza a esquemas conceituais fornecidos pela educação profissional. Kuhn pergunta se a pesquisa poderia ter seguimento sem tais esquemas, qualquer que seja o elemento de arbitrariedade contido nas suas origens históricas. Este elemento de arbitrariedade está presente e tem efeito importante no desenvolvimento científico. A ciência normal é baseada no pressuposto de que a comunidade científica sabe como é o mundo; ela suprime novidades fundamentais porque estas subvertem seus compromissos básicos. Este elemento de arbitrariedade retido frente à pesquisa assegura que a novidade não ficará suprimida por muito tempo. Assim, a ciência normal desorienta-se seguidamente, aí é que os cientistas, não podendo esquivar-se das anomalias começam investigações extraordinárias e conduzem a profissão a uma nova base para a prática da ciência.

Kuhn nos traz a idéia das revoluções científicas, que são os episódios extraordinários nos quais ocorre essa alteração de compromissos profissionais. As revoluções científicas são os compromissos desintegradores da tradição à qual a atividade da ciência normal está ligada.

O que há é uma revolução historiográfica que supõe uma visão descontínua da história da ciência.

Uma nova teoria raramente é um incremento ao já conhecido; daí a incompatibilidade das teorias.

Basicamente não se tem um critério compartilhado, o que supõe um curto circuito na comunicação. O processo revolucionário raramente é completado por um único homem e nunca de um dia para outro.

Paradigma é um termo que está muito ligado com o conceito de ciência normal. Paradigma sugere alguns exemplos aceitos na prática científica real; estes exemplos que incluem ao mesmo tempo lei, teoria, aplicação e instrumentação, proporcionando modelos dos quais brotam as tradições coerentes e específicas da pesquisa científica.

O estudo dos paradigmas é o que prepara o estudante para ser membro da comunidade científica determinada. A aquisição de um paradigma e do tipo mais esotérico que ele permite é um sinal de maturidade no desenvolvimento de qualquer campo científico que se queira considerar. A transição sucessiva de um paradigma a outro por meio de uma revolução é o padrão usual de desenvolvimento da ciência amadurecida. A História sugere que a estrada para um consenso estável na pesquisa é extraordinariamente ardua. Contudo, a história sugere igualmente algumas razões para as dificuldades encontradas ao longo deste caminho.

Kuhn nos traz a noção de uma ciência preparadigmática - "Há a possibilidade de uma espécie de pesquisa científica sem paradigma ou pelo menos sem aquele de tipo tão inequívoco e obrigatório.

Na ausência de um paradigma ou de algum candidato a paradigma todos os fatos que possivelmente são pertinentes ao desenvolvimento de determinada ciência tem a probabilidade de parecerem igualmente relevantes. A consequência é que as primeiras coletas de fatos se aproximam muito mais de uma atividade ao acaso do que aquelas que o desenvolvimento subsequente da ciência torna mais familiar. Na ausência

de uma razão para procurar alguma forma de informação mais recôndita, a coleta inicial de fatos é restrita à riqueza de dados que estão prontamente à nossa disposição. Não é de admirar que nos primeiros estágios de desenvolvimento de qualquer ciência, homens diferentes confrontados com a mesma gama de fenômenos, mas em geral não com os mesmos fenômenos particulares, os descrevem e interpretam de maneira diversa.

Kuhn examina estes fatos sob o nome de perspectiva reversa no seu ensaio denominado "second thoughts." É surpreendente que tais divergências iniciais possam em grande parte desaparecer nas áreas que chamamos ciência. Seu desaparecimento é causado pelo triunfo de uma das escolas préparadigmáticas, as quais, devido suas próprias crenças e preconceitos característicos, enfatizam apenas alguma parte especial do conjunto de informações demasiado numeroso e incoativo.

Isto caracteriza a transição de uma ciência préparadigmática numa ciência paradigmática, uma ciência normal. Quando pela primeira vez no desenvolvimento de uma ciência da natureza um indivíduo ou grupo produz uma síntese capaz de atrair a maioria dos praticantes da geração seguinte, as escolas antigas começam a desaparecer gradualmente. Seu desaparecimento é causado pela conversão de seus adeptos ao novo paradigma. O novo paradigma implica uma definição nova e mais rígida do campo de estudo. Quando um cientista pode considerar um paradigma como certo, não tem mais necessidade nos seus trabalhos mais importantes de tentar construir seu campo de estudo, começando pelos primeiros princípios e justificando cada conceito introduzido.

Relação entre a ciência normal e o paradigma - Na ciência um paradigma raramente é susceptível de reprodução. Os paradigmas adquirem seu status porque são mais bem sucedidos que os seus competidores na resolução de problemas que os cientistas reconhecem como graves. Na ciência normal, os fenômenos que não se ajustam aos limites do paradigma frequentemente nem são vistos. Os cientistas também não estão constantemente procurando inventar novas teorias; frequentemente mostram-se intolerantes com aquelas inventadas por outros. A pesquisa científica está dirigida para a articulação daqueles fenômenos e teorias já fornecidos pelo paradigma.

As áreas investigadas pela ciência normal são minúsculas;

elas restringem a visão do cientista, essas restrições nascidas da confiança no paradigma, revelaram-se essenciais para o desenvolvimento da ciência. Ao concentrar a atenção numa faixa de problemas esotéricos, o paradigma força os cientistas a investigarem alguma parcela da natureza com uma profundidade de uma maneira tão detalhada que de outra maneira seria inimaginável.

A existência de um paradigma coloca o problema a ser resolvido; a teoria do paradigma está diretamente implicada no trabalho de concepção da aparelhagem capaz de resolver o problema. Resolver um problema da pesquisa normal é alcançar o antecipado de uma nova maneira. Isso requer a solução de todo tipo de complexos quebra-cabeças instrumentais, conceituais e matemáticos. O desafio apresentado pelo quebra-cabeça constitui uma parte importante da motivação do cientista para o trabalho. Uma comunidade científica, ao adquirir um paradigma adquire igualmente um critério para escolha de problemas. Esses são os únicos problemas que a comunidade admitirá como científicos; outros passam a serem rejeitados como metafísicos ou como sendo parte de outra disciplina. Um paradigma pode até afastar uma comunidade daqueles problemas sociais relevantes que não são redutíveis à forma de quebra-cabeças. Os paradigmas de uma comunidade científica amadurecida podem ser determinados com relativa facilidade. A ciência normal bem sucedida não encontra fatos novos ou novas teorias, mas fenômenos novos e insuspeitados são descobertos pela pesquisa científica. A descoberta começa com a consciência da anomalia, isto é com o reconhecimento de que a natureza violou as expectativas paradigmáticas que governam a ciência normal. A assimilação de um novo tipo de fato exige muito mais do que o ajustamento aditivo da teoria. Até que tal ajustamento tenha sido completado, até que o cientista tenha aprendido ver a natureza de modo diferente, o novo fato não será completamente científico.

Kuhn pensa que em geral os cientistas não precisaram ou mesmo não desejaram ser filósofos. A ciência normal usualmente mantém a filosofia criadora ao seu alcance. Na medida em que o trabalho da pesquisa normal pode ser conduzido utilizando-se do paradigma como modelo, as regras e os pressupostos não precisam ser explicados. O recurso à filosofia e ao debate sobre os fundamentos são sintomas de uma transição da pesquisa normal para a extraordinária. Sem o compromisso

com um paradigma não poderia haver ciência normal, esse compromisso deve estender-se a áreas de grande precisão para as quais não existem precedentes satisfatórios. O estado preparadigmático é uma situação na qual todos os membros da comunidade científica praticam a ciência, mas o produto bruto de suas atividades assemelha-se muito pouco à ciência. Na fase incipiente de uma ciência, o que fazer para decidir o que é verdadeiro? Na medida em que se dedica à ciência normal o pesquisador é um solucionador de quebra-cabeças e não alguém que testa paradigmas. O novo candidato a paradigma poderá ter poucos adeptos, não obstante se eles são competentes, aperfeiçoarão os paradigmas, explorando as suas possibilidades e mostrando o que seria pertencer a uma comunidade guiada por ele. Os cientistas convencidos da fecundidade da nova concepção adotarão a nova maneira de praticar a ciência normal até que restem apenas alguns opositores mais velhos. E mesmo estes, não podemos dizer que os homens que continuam a resistir após a conversão de toda a sua profissão, deixaram por este fato de serem cientistas.

A epistemologia da ciência está enriquecida de forma original e significativa com o trabalho de Thomas S. Kuhn.

Este artigo, eu o escrevo numa tentativa de expor meus pontos de vista a respeito da conexão que a psicanálise tem nos dias atuais com os referenciais do eminente filósofo da ciência.

A psicanálise é uma ciência em fase incipiente de desenvolvimento e isto pode ser reconhecido pela evidência reinante nas comunidades científicas pertinentes chamadas sociedades de psicanálise, em que concepções diversas vivem em competição discreta ou ostensiva, ou simplesmente se ignorando mutuamente, todas elas compatíveis com os ditames da observação e do método psicanalítico, cada uma delas ostentando o galardão de praticar a verdadeira psicanálise.

Disto resulta a impossibilidade da troca de informações, como Junqueira, Menezes e Meyer mostraram de forma elegante e destemida. Não há troca de informações a respeito de investigação clínica, mesmo quando os analistas se propõem a isto, há um paralelismo de exposições; tais trocas existem e até litigiosas a respeito da organização social e das regras de convivência nas sociedades de psicanálise. Suponho que Bion é sensível a isto, quando nos propõe: - "o grupo precisa preservar sua coerência e sua identidade; esforços neste sentido

se manifestam em convenções, leis, cultura e linguagem. Ele necessita do indivíduo excepcional:- gênio, Messias, místico e séculos depois ainda se pode discutir se um indivíduo dessa espécie exerceu efeito benéfico ou deletério.

Parece absurdo que um analista seja incapaz de avaliar a qualidade de seu trabalho, nenhum vértice reconhecido até o momento é adequado.

A psicanálise deve ser considerada como um termo que liga uma conjunção constante.

Podem se passar anos antes que entendamos o que é conjugado e o que significa a conjunção. Pode fazer-se em termos verbais? Existem outros termos? Freud com sua vasta obra vislumbrou um mundo novo, ele foi um grande observador, apossou-se de dados observacionais, pensou-os e os repensou muitas vezes, levantou questões e nos comunicou estas questões, usou palavras e criou termos para dar significado aos dados que nós vamos tentando traduzir na medida que nos enriquecemos com as nossas próprias observações. Depois da assimilação da descoberta, os cientistas encontram-se em condições de dar conta de um número maior de fenômenos ou explicar mais precisamente alguns dos fenômenos conhecidos."(7)

Uma dificuldade é que "os estudantes de ciência aceitam as teorias por causa da autoridade do professor e dos textos e não devido a provas, porque o que um homem vê depende tanto daquilo que ele olha, como daquilo que sua experiência visual, conceitual prévia o ensinou a ver.

O que fazer para decidir o que é verdadeiro em psicanálise?  
Quais as entidades fundamentais que compõem o Universo psicanalítico?  
Como interagem estas unidades umas com as outras e com os sentidos?  
As respostas a estas perguntas conciliarão os esquemas conceituais que disputam a primazia da verdade em psicanálise ou em outras palavras, temos condições de dar respostas a estas perguntas, que atendessem à peculiar eficiência da atividade que corresponde à ciência normal?  
Os quadros conceituais que supõem uma ação seriam um paradigma?  
As propostas para pesquisa de uma ciência normal amadurecida deveriam produzir um quadro suficientemente fechado e este quadro fechado levaria ao quebra-cabeças em psicanálise.

Acredito que não temos paradigma em psicanálise; o para -



paradigma é um conceito prático, um tipo de ação governada por regras suficientemente precisas; o paradigma visa não ter impasse; o paradigma é a capacidade de formular um problema com um número manipulável de parâmetros. O paradigma é tanto mais fecundo quanto maior o problema que ele permite formular. No momento em que o paradigma formula resoluções ele está falido. No quebra-cabeças o conjunto de soluções possíveis está pré-determinado. Kuhn propõe que em ciência não há evolução no sentido linear em busca do aperfeiçoamento da verdade; o que há é uma revolução historiográfica.

Os manuais psicanalíticos em geral contem, a meu ver as mesmas deformações históricas dos manuais científicos, quando postulam por exemplo, a sequência - Freud, Klein, Bion - como evolução sequencial. Meltzer, em "The Kleinian development" é uma exceção; ele é exemplar, no sentido de apontar para a incomparabilidade das teorias, não há critério compartilhado, por exemplo quando diz:- "The intention in these three volumes has been to trace the continuity of clinical method and thought from Freud to Bion in order to establish on firm ground the conception of the Kleinian development." This view is tenable in the realm of theory, where a very marked dis-continuity is clearly in evidence both from Freud to Klein and from Klein to Bion. (8)

Agradeço, por fim ao trio relator de nossa sociedade, Menezes, Junqueira e Meyer a oportunidade que me deram, de pensar sobre aquilo que vocês pensaram.

Agradeço ao Portela Nunes pelas mesmas razões e sobretudo pela oportunidade de eu poder me sentir entre vocês todos.

## BIBLIOGRAFIA

- (1) - Camargo, Hélio S. Amâncio. O ser que não pode ser conhecido, Novembro, 1987.
- (2) - Junqueira, Menezes, Meyer. Recentes avanços na teoria e na técnica psicanalíticas. 1987. Relatório oficial da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. XI Congresso Brasileiro de Psicanálise.
- (3) - Portela Nunes, Eustachio. Recentes avanços na teoria e na técnica psicanalíticas, 1987. Relatório oficial da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. XI Congresso Brasileiro de Psicanálise.
- (4) - Popper, Karl R. Coleção Os Pensadores. Citação do consultor Luiz Henrique dos Santos.
- (5) - Popper, Karl R. Autobiografia intelectual, 1976. Editora Cultrix. Editora da Universidade de São Paulo.
- (6) - Kuhn, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas, 2a. Edição, 1986. Editora Perspectiva.
- (7) - Bion, W.R. Atenção e interpretação, 1983. Imago Editora.
- (8) - Meltzer, Donald. The Kleinian development. Part III. The clinical significance of the work of Bion, 1978. Clunie Press, Perthshire.

A TEORIA DO CONHECIMENTO NA OBRA DE KANT E A TRANSFERÊNCIA,  
CONTRA TRANSFERÊNCIA PSICANALÍTICA - UMA TENTATIVA DE APROXIMAÇÃO.

A minha preocupação é com a Psicanálise como uma teoria explicativa do funcionamento mental; penso que o filósofo da ciência está diante da Psicanálise, na mesma situação em que Newton se encontrava quando "percebeu" que a maçã ao se desprender do galho, caía...

A Psicanálise é um fato, é uma praxis, ela está aí; ela, a Psicanálise no seu aspecto de empirismo é indiscutível. Não vou me alongar para expôr as dificuldades evidentes na troca de idéias nas reuniões entre psicanalistas nem vou me estender a respeito da expectativa do gênio, capaz de pensar o objeto da Psicanálise.

\* \* \* \* \*

Kant é um ponto culminante da História da Filosofia, justamente um estágio que se iniciara com Descartes.

Quero fazer leves referências para transmitir uma noção dos antecedentes de Descartes e Kant.

Os gregos, falo de Platão e Aristóteles interrogavam o mundo diretamente; para eles, as coisas podiam ser pensadas, eles não duvidavam disso, para eles a possibilidade do conhecimento era indiscutível.

Fatos históricos foram registrados que não cabiam nos conhecimentos vigentes:- 1º) a destruição da unidade religiosa; o advento do protestantismo, a luta pela verdade entre credos distintos abalam a fé na verdade única. 2º) a descoberta da terra e a descoberta do céu.

O homem dá volta em torno da terra e a descobre redonda. O sistema de Ptolomeu é substituído pelo sistema de Copérnico, o que significava que a terra não era mais o centro do universo; ao contrário, um planeta pequeno e secundário. A dúvida se espalha por todos os lados e se conhece uma profunda crise na mente dos sábios, talvez só comparável à crise de princípios dos tempos atuais; surge daí, da dúvida, uma posição completamente nova na Filosofia.

Descartes formula a sua celebre frase:- "Penso, logo existo", e com isto ele inaugura a decepção na confiabilidade das coisas

como objeto do conhecer e estabelece a primazia da dúvida.

Descartes põe esta dúvida no próprio pensamento. Descartes dá uma solução à sua dúvida. O pensamento que existe é o pensamento de Deus e o mundo vai surgir a partir da idéia de Deus.

Kant vai dar uma nova solução à dúvida e a sua solução é a mais perfeita, a mais completa, mais acabada delas.

O relevante na idéia de Kant é a confiabilidade do pensamento que supõe a relação sujeito - objeto. Conhecer supõe um sujeito que quer conhecer e um objeto a ser conhecido. O conhecimento se faz numa relação dual, esta dualidade é uma relação. O pensamento é pois produzido por uma ação simultânea do objeto sobre o sujeito e do sujeito sobre o objeto.

Aristóteles dizia, o conhecimento verdadeiro é aquele no qual o pensamento concorda com o objeto e Kant acrescenta, para haver pensamento, o objeto também tem que concordar com o pensamento.

Em que condições gerais se pode pensar num pensamento verdadeiro de um objeto? A resposta é que o objeto se molde as formas do sujeito. É bom destacar que Kant fala do conhecimento quando a ciência físico-matemática de Newton já está estabelecida, inclusive contando com a possibilidade de reduzir o conhecimento da ciência em fórmulas matematicamente exatas. Para Kant, essa ciência se compõe de juízos. Estes juízos são de dois tipos:- analíticos e sintéticos. Os analíticos são aqueles em que o predicado está contido no conceito do sujeito. Exemplo:- o triângulo tem 3 ângulos. No juízo sintético o conceito do predicado não está contido no conceito do sujeito, é sintético porque reúne elementos heterogêneos. Exemplo:- o calor dilata os corpos.

A legitimidade dos juízos analíticos está apoiada no princípio de identidade; o predicado repete o sujeito, é uma tautologia. A legitimidade dos juízos sintéticos está apoiada na experiência; na percepção sensível, se eu digo que o calor dilata os corpos, eu expresse aquilo que a minha percepção me informa; mas o conceito de calor não contém a dilatação dos corpos.

Os juízos analíticos são verdadeiros, universais e necessários, decorrem da análise mental do conceito de sujeito, por isto, Kant diz: eles não dependem da experiência, eles são "a priori". Os juízos sintéticos são verdadeiros desde que a experiência os revele. A experiência é a percepção sensível que se verifica num lu-

lugar aqui e num tempo agora. Sua validade se limita a experiência sensível; só são verdadeiros "aqui" e "agora". São particulares, são contingentes. São particulares porque estão subordinados ao "aqui" e ao "agora". São contingentes porque o contrário não é impossível. Como os juízos sintéticos dependem da experiência, Kant disse que eles são : "a posteriori".

Quais são pois os juízos que servem a ciência físico-matemática? indaga Kant e assim responde - os analíticos? Não é possível porque os juízos analíticos são tautológicos, eles não aumentam o nosso conhecimento.

São os sintéticos? Impossível, porque eles são verdadeiros aqui e agora.

Os juízos da ciência tem que ser gerais, como é possível a "lei da gravidade" estabelecida por Newton? Como é possível o conhecimento dos fatos que correm na frente dos homens? "O principal propósito que deve guiar-nos é a idéia de uma ciência cujo plano deve traçar a crítica da razão pura; a análise perfeita dos conceitos "a priori" assim como a dedução dos que depois hão de ser derivados.

Kant formulou os princípios, os mais gerais que são próprios das ciências, sejam elas quais forem. Um deles, por exemplo é o princípio da causalidade. Kant expõe que os juízos da ciência tem que ser sintéticos e "a priori" num livro - Crítica da razão pura - o livro mais comentado, o mais discutido da literatura filosófica de todos os tempos. Nesse livro ele se dispõe a responder 3 perguntas:-

- 1º) Como são possíveis os juízos sintéticos "a priori" na matemática?
- 2º) Como são possíveis os juízos sintéticos "a priori" na física?
- 3º) São possíveis os juízos sintéticos "a priori" na matemática?

Toda a filosofia de Kant se destina a responder estas 3 perguntas:-

Vamos aqui nesta exposição dar uma idéia de como ele respondeu à primeira pergunta. Os juízes sintéticos "a priori" na matemática são possíveis porque ela se fundamenta no espaço e no tempo. Espaço e tempo são as formas de nossa capacidade de perceber; são formas de intuição. Kant chama conceito à unidade mental dentro da qual estão numerosos seres e coisas.

Intuição - é o ato da mente que toma conhecimento diretamente de

uma individualidade.

Kant demonstra que o espaço é único. O espaço é a condição da experiência; não há experiência a não ser no espaço. A percepção sensível supõe o espaço. Podemos pensar o espaço sem coisas, mas não podemos pensar coisas sem espaço. O espaço é único e é "a priori"; não tiro o espaço da experiência. Só há um espaço que é apanhado por quem quer conhecer através da intuição. O espaço é a condição do conhecimento das coisas. Kant fez a ligação entre a intuição do espaço e a matemática, através da geometria. O espaço entra como condição da possibilidade do conhecimento geométrico. O espaço é "a priori" porque ele é necessário ao conhecimento, ele independe da experiência. A geometria supõe um espaço, mas também põe o espaço. Podemos encontrar as figuras geométricas por pura intuição. Por exemplo:- o círculo é uma reta que gira em torno de uma de suas extremidades. A esfera é a meia circunferencia que gira em torno de seu diametro maior.

Crítica em Kant significa - "avaliação da competência", da razão significa dos pensamentos; pura, funcionando independentemente da experiência.

A ciência se compõe de elementos empíricos procedentes da experiência e dos elementos puros que os pensamentos põem em cima dos dados da experiência sensível. Exemplo - a maçã de Newton, perceptível ao cair do galho e os elementos puros que os pensamentos puseram em cima dos dados da experiência sensível que se constituíram na lei da gravidade.

Kant fez com o tempo um tratamento muito parecido com o que fez com o espaço. O tempo é "a priori", independe da experiência. O tempo é uma intuição. Qualquer percepção sensível é uma vivência, toda vivência é um acontecer que nos acontece; este acontecer implica no tempo; é um chegar a ser, o que não era ainda. Acontecer significa que no curso do tempo algo vem a ser.

O tempo é único e por isto é uma forma de intuição. Kant vai demonstrar que o tempo, a sua intuitividade se liga ao conhecimento matemático através da aritmética. O tempo é a condição dos juízos sintéticos na aritmética. A necessidade do conhecimento aritmético é que ele seja entendido um após o outro, de forma orde-

ordenada, assim também as vivências se sucedem umas após outras na ordem dos números 1, 2, 3; é este suceder dos números, portanto do tempo que vai se encaixar na realidade.

Espaço e tempo, como formas da sensibilidade são as formas da faculdade de termos percepções.

A geometria e a aritmética se interpenetram desigualmente, da mesma forma que o tempo e o espaço. O tempo é prioritário em relação ao espaço, enquanto que o espaço é a forma do sentido interno. Tudo o que está sujeito no espaço está também sujeito no tempo, mas a recíproca não é verdadeira. O tempo é uma forma mais geral porque as coisas estão espalhadas no tempo. Há coisas no tempo que não estão no espaço, por exemplo - as emoções.

A filosofia de Kant, o idealismo transcendental se propõe a descobrir as condições que o objeto tem que ter para ser um objeto a ser conhecido. Pela primeira vez na História do pensamento moderno aparece com toda clareza e precisão a dupla em correlação indissolúvel, o sujeito cognoscente e o conhecido. O que o objeto é não é em si e por si, senão que é um objeto de um sujeito.

\* \* \* \* \*

Kant nos faz pensar nos objetos a serem conhecidos, de acordo com sua natureza; ele focaliza o espaço e o tempo como as condições da possibilidade dos juízos sintéticos "a priori" na matemática.

No espaço e no tempo divisamos o conhecimento das coisas, dos objetos a serem conhecidos, o conhecimento da física.

Nesta perspectiva viria a nossa questão:- Quais as condições de possibilidade que devem existir para que o objeto da Psicanálise possa ser pensado?

Na situação de transferência, contratransferência é que devemos buscar as relações de concordância entre o pensamento e o objeto. Em certa oportunidade Freud postula, "quem garante que tudo isto que eu estou dizendo em termos de inconsciente acontece?" Ele responde:- "quem garante é a relação psicanalítica". (1) Esta relação é dual, é uma correlação. O nosso cliente tem conosco e nós com ele o compromisso de comparecer naquele espaço e naquele tempo limitado, tal como nas experiências dos juízos sintéticos

Kantianos, "aquí e agora".

Espera-se que ele fale o que lhe surge espontaneamente no campo de sua mente; o analista deve observar, ouvi-lo com o "ouvido atento" e além disso, com "atenção flutuante". (2)

Esta situação relacional ou correlacional, este caso à dois, aquela atmosfera específica de contato que se estabelece é o terreno no qual se joga a problemática de um trabalho psicanalítico; é nesta perspectiva que ocorre a situação de transferência, contratransferência.

"A teoria da transferência é uma das maiores contribuições de Freud à ciência e é também o pilar do trabalho psicanalítico". (3) A transferência, contratransferência é o lugar, o topos do fenômeno psicanalítico. Quero lembrar que "o inefável da situação psicanalítica que advém da ação do inconsciente do analisando dentro do inconsciente do analista e vice versa, não pode ser reproduzido ou reportado na sua intimidade para outra personalidade e outro momento; este íntimo e essencial da relação aparece e desaparece sem condições de reprodutividade." Lembremos ainda a teoria da transformação (4) e o Aprender com a experiência (5), contribuições de Bion para iluminação da situação relacional em psicanálise.

A chamada ciência psicanalítica também se compõe de juízos:- teoria do inconsciente, teoria da transferência, teoria da livre associação, teoria da interpretação, teoria da construção, etc.

À luz da teoria do conhecimento de Kant, que juízos são os que garantem estatura científica à psicanálise, juízos analíticos? juízos sintéticos? juízos sintéticos "a priori"?

Seria possível a psicanálise ser expressa à luz da condição da possibilidade do conhecimento como Kant fez na relação que estabeleceu entre o espaço e a geometria? Ou na relação que estabeleceu entre o tempo e a aritmética?

"Suportar a relação dentro do marco das transformações que cada um fez da experiência alí presente, talvez seja o objetivo que mais valorizamos hoje."

Somos "transformadores de experiências" e não pessoas "assentadas sobre a verdade".



Se realmente acreditamos que o par analista-analisando estabelece uma relação com interação mútua, devemos pensar que o analisando necessariamente afeta o analista e vice versa com o que se fala e com algo mais além da fala. E o analista está influenciado também pelos objetos internos. Negar qualquer destes componentes "não é neutralidade mas sim falsidade" como diz Mrs. Irma B.Pick. (6)

Será que teremos um dia um pensamento psicanalítico com estatuto científico? Redutível a uma fórmula matemática? Aí sim, haveria kantianamente uma ciência psicanalítica; é verdade que os psicanalistas chamam de científicas suas reuniões, tratar-se-ia de realização alucinatória do desejo? Ou talvez são levados pelo mesmo anseio que me levou a estas reflexões? Ou talvez não seja por aí; o que estaria faltando seria um capítulo inédito da matemática que pudesse dimensionar e expressar o fenômeno psicanalítico.

Bibliografia referente ao Tema Filosófico.

- Kant, Emanuel - Crítica da razão pura. Biblioteca de Autores celebres. (4a.Edição) Edições e publicações Brasil Editora S.A. 1965.
- Deleuze, Gilles - La philosophie critique de Kant. Presses Universitaires de France. 4a.Edition 1977.
- Morente, Manuel Garcia - Leciones preliminares de filosofia. 6a.Edición. Editora Lousada S.A.Buenos Aires, 1957.
- Os pensadores - Kant (I) - Editor, Vitor Civita, 1983.

\* \* \* \* \*

Bibliografia referente à Psicanálise.

- (1) Conferências introdutórias sobre psicanálise (Parte III) - Volume XVI - Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmundo Freud. 1a.Edição - Junho, 1976.
- (2) Artigos sobre técnica - Volume XII. Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmundo Freud.
- (3) Etchgoyen, R.Horácio. Fundamentos da técnica psicanalítica. Artes Médicas. Porto Alegre, 1987.
- (4) Bion, W. Transformaciones del aprendizaje al crecimiento. Centro Editor de America Latina. Janeiro de 1968.
- (5) Bion, W. Os elementos da psicanálise. O aprender com a experiência. Zahar Editores, 1966.
- (6) Eva e Frochtengaten, Antonio Carlos e Julio. Transferência e contratransferência. 1988.

## SOBRE A TÉCNICA PSICANALÍTICA

Virginia Leone Bicudo

COMENTANDO O TRABALHO "QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS - PARADIGMA OU PRÉ-PARADIGMA?",  
do DR. HELIO SEBASTIÃO AMÂNCIO DE CAMARGO

Em "Questões Epistemológicas", Dr. Helio nos convida à ampliar o espaço da Psicanálise, para o intercâmbio com estudiosos de diferentes áreas do conhecimento.

Empenhados na pesquisa sobre a natureza do ser humano, psicanalistas, psicólogos, antropólogos defrontam-se com o problema de desenvolver e aprimorar as técnicas de investigação do fato bio-psico-sócio-cultural.

No artigo "Posição da Psicanálise na Psicologia e na Ciência", Durval Marcondes\* definia-se nos seguintes termos — "A própria natureza do método psicanalítico obriga a um padrão de objetividade que não é o das ciências em geral. A psicanálise não é apenas um método a mais de observação. É um método diferente que veio criar novos problemas para a metodologia científica e para a construção do destino do homem."

Levy-Strauss\*\* refere-se à formação do antropólogo nos seguintes termos: "É por uma razão mui profunda relacionada com a natureza da disciplina e com o caráter distinto de seu propósito que o antropólogo necessita da experiência de campo, um momento crucial de sua educação. Antes de tal experiência, poderá obter conhecimentos descontínuos, que jamais configuram um todo; somente depois da experiência, seus conhecimentos se constituirão em um conjunto orgânico e adquirirão o sentido do qual até então careciam. Esta situação apresenta grandes analogias com a que prevalece em psicanálise: é hoje um princípio universalmente reconhecido que a

\* Revista Brasileira de Psicanálise, Vol. IV, 1970.

\*\* Claude Levy-Strauss, Antropologia Estrutural, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1967.

prática da profissão de psicanalista requer uma experiência específica e insubstituível: a análise pessoal. Para o antropólogo, a prática de campo constitui o equivalente dessa experiência única; como no caso da psicanálise, a experiência poderá ter êxito ou na lograr, e, nenhum exame, nem concurso proporciona o meio de resol ver em um ou outro sentido."

"Mass Observation", técnica do antropólogo iniciada na Inglaterra em 1937, consiste em o antropólogo deslocar-se para o habitat das pessoas culturalmente primitivas e conviver com elas como se fosse uma delas, porém sem perder a própria identidade.

As experiências do antropólogo e do etnólogo assemelham-se à experiência do psicanalista. Este oferece ao paciente a situação analítica, uma oportunidade para o paciente reviver a própria experiência, em níveis primitivos de seu desenvolvimento, através da transferência, enquanto o psicanalista mantém sua objetividade, isto é, não se contagia mergulhando inconscientemente na própria transferência. Em lugar de o psicanalista deslocar-se para o habitat do paciente oferece-lhe a situação analítica, o espaço apropriado para a projeção da transferência.

Gastão Franco da Luz e Diana Carneiro Marques\* tecem considerações sobre a evolução histórica do pensamento científico: "A nível de hipóteses de trabalho exige-se entender que o pensar operacional resultou de uma trilogia que até hoje nos distingue dos outros animais: '1) Nossas mudanças anatomo-fisiológicas (perdemos as presas, por exemplo); 2) a fragilidade orgânica resultante das mudanças e a compulsória necessidade de compensação; 3) o tateio experimental tecnológico... Paralelamente o cérebro cresce respondendo à tese do uso-aprimoramento... A transferência do saber tornou-se possível... A ciência é uma das formas de pensamento e não necessariamente a melhor. O racionalismo ocidental na tentativa de suprimir o que denomina de crenças, mitos e superstições das religiões ofereceu a ciência como opção válida. Fracassou. Solucionou alguns problemas e criou outros"....

---

\* Gastão Otávio Franco da Luz e Diana M. Carneiro Marques, *Fundamentação em Ciências, Ciência e Cultura*, janeiro 1989.

## II

À proposta de Hélio Camargo referente à confiabilidade da técnica psicanalítica, podemos acrescentar indagações sobre a fidedignidade, e o isolamento do psicanalista em dois sentidos, fechado em suas sociedades e preconceituosamente rejeitado.

A cientificidade de uma teoria geralmente é avaliada segundo as capacidades de previsão e de controle para reproduzir o objeto de pesquisa em experiência laboratorial. As ciências que pesquisam sobre a natureza do ser humano (psicologia, psicanálise, sociologia, antropologia) não têm possibilidade de realizar a experiência em laboratório, porém utilizam-se da natureza como laboratório, do qual o cientista obtém os recursos para o desenvolvimento do conhecimento do fato observado.

O "setting" psicanalítico criado pela psicanálise é o espaço laboratorial constituído pelo psicanalista, para receber a "transferência" do paciente, transformada em conhecimento, através da interpretação. É claro que o grau de confiabilidade dos resultados obtidos guarda estreita relação com o rigor do psicanalista, no manejo da sua técnica.

A fidedignidade do pesquisador na aplicação da técnica psicanalítica depende da extensão de sua liberdade de movimento próprio, entre o próprio inconsciente, tornando-se pré-consciente e consciente. Divergências de pontos de vista teóricos, entre os psicanalistas, frequentemente correspondem aos diferentes pontos de fixação, do pesquisador. Freud sistematizou as teorias psicanalíticas em um corpo teórico, com quatro vértices em interação: dinâmico, estrutural, econômico e tópico.

A situação atual do psicanalista caracteriza-se pela proposta de Hélio de Camargo no sentido de abrir o espaço institucional da psicanálise, para desenvolver a colaboração com estudos de outras áreas de pesquisa.

Em 1974, Fausto Alvim Junior, matemático do Departamento de Matemática da Universidade de Brasília, atendendo ao nosso convite, desenvolveu uma série de conferências sobre Aspectos da Metodologia Científica, as quais foram por nós publicadas na Revista Alter, em 1979: "A Psicanálise é um contínuo pensar, (falar) sobre sua estrutura sintática e semântica. Isso estabelece uma

meta-dinâmica de constante alimentação e ampliação de seu universo, através da absorção de material proveniente do não pensável"... "Entre os fatos notáveis que serão apontados (na série de conferências na SBPSP), destacam-se os aspectos formais daquilo que chamaríamos de "abertura da Matemática". Ainda mais à frente veremos como comparar as presentes observações com as de Bion (Sobre Psicanálise e Matemática, em 1970).

Bion traz à psicanálise uma abordagem nova na compreensão dos fenômenos psíquicos, convicto de que a narrativa feita pelo paciente e as interpretações do analista são dois modos diferentes de dizer a mesma coisa, ou duas coisas diferentes ditas sobre o mesmo fato, evoluiu para formulações mais precisas.

Bion traz, para o espaço da psicanálise, a teoria do conhecimento de Kant e relaciona a medida da realidade psíquica em termos de espaço-tempo-distância, na dependência da capacidade de tolerar frustração. Considera-se a incapacidade de tolerar frustração, como impecilho ao desenvolvimento do aparelho psíquico, na função de medir frustração em espaço-tempo-movimento.

A fantasia inconsciente pode ser traduzida em linguagem matemática em termos aritméticos, algébricos, geométricos, etc. Exemplificando a voracidade em linguagem aritmética correspondente ao modelo inesgotável de somar + 1 continuamente (1+1+1+1...); a inveja define-se no modelo de zerar as qualidades boas ou desejáveis encontradas nos objetos externos e/ou internos; o narcisismo traduz-se na relação de dois termos, subtraindo do objeto as qualidades positivas e somando-as ao sujeito. A partir da figura triangular isóceles um número infinito de triângulos com diferentes ângulos tem origem em cada indivíduo, em cada grupo.

Em resumo, a relação sujeito-objeto através da linguagem matemática corresponde à relação quantidade  $\longleftrightarrow$  qualidade, à relação conteúdo — forma ou continente  $\longleftrightarrow$  conteúdo.

Concordamos com Dr. Helio de Camargo sugerindo a inclusão de um curso de noções de Filosofia da Ciência no programa do Instituto de Psicanálise, a fim de melhor corresponder à exigência de confiabilidade metodológica.